

HOTÉIS-CASSINOS NO BRASIL: A História do Turismo de Saúde Aliado ao Lazer no Brasil

Dario Luiz Dias Paixão¹

RESUMO

Por longo período de tempo, as termas, as estâncias e os balneários investiram em uma relação que marcou a sociedade profundamente: os banhos e o jogo. Estas duas atividades conviveram – e ainda convivem em muitos países – harmonicamente, do auge do Império Romano à *Belle Époque* do turismo europeu em plena Revolução Industrial. No Brasil, na primeira era getulista, suntuosos hotéis-cassinos aliados aos tratamentos com água, recebiam a Nova Burguesia voltada para a saúde e o lazer. Com a proibição do jogo nos cassinos do país, estes empreendimentos precisaram se reestruturar para sobreviver, alguns sem sucesso. Todavia a volta do termalismo e dos cassinos na maioria dos países do mundo, reabre discussões e polêmicas que devem ser enriquecidas de informações para que não só pesquisadores e legisladores, como o conjunto da sociedade, possam opinar com propriedade a respeito do papel do jogo no Brasil e suas relações com o lazer e a atividade turística, esta última carente de novos segmentos para competir com mercados já consolidados. Esta pesquisa sobre a histórica relação do turismo de saúde e do lazer apresenta seus resultados ao longo do trabalho, já que se trata de uma investigação prioritariamente bibliográfica e documental.

Palavras-chave: termalismo; hotéis-cassinos; saúde; lazer; turismo.

1. Introdução

Os “anos dourados” do turismo brasileiro surgem a partir de 1920, com os cassinos incorporados aos hotéis de luxo e às estâncias termais, hidrominerais ou climáticas. Aproveitando os recursos naturais de forma a produzir efeitos terapêuticos, surgiram edificações de porte, locais magníficos

¹ Ph.D; Bacharel em Turismo (UFPR); Mestre em Turismo (Universidad de Las Palmas de Gran Canaria/Espanha); Doutor em Gestão do Turismo Sustentável (Universidade de Málaga/Espanha); Coordenador de Turismo (Universidade Positivo/Curitiba). Endereço: Rua Professor Pedro Viriato Parigot de Souza, 5300 CEP: 81.280-330 Curitiba/PR; Telefone: (41) 3317-3023; Fax: (41) 3317-3141; E-mail: turismo@unicenp.edu.br.

de realização de jogos e espetáculos dignos de atender a alta classe e a elite acostumada à moda e à vida européia.

O Decreto nº 3.987, assinado pelo presidente Epitácio Pessoa em 2 de janeiro de 1920, visava reorganizar os serviços de Saúde Pública. E ao conceder autorização para a realização de jogos de azar, impulsionou os cassinos e as estações balneárias, termas e climáticas. Uma vez licenciados e sujeitos à taxa de cobrança de 15% (quinze por cento), estes complexos passaram a funcionar sem que incidissem nas disposições penais relativas ao jogo. O dinheiro arrecadado – previa o decreto –, visava formar um fundo especial para o custeio da profilaxia rural e das obras de saneamento básico no interior do Brasil. Esta “*taxa de quinze por cento sobre o producto líquido dos jogos de azar licenciados*”, consubstanciou a forma de arrecadar (Decreto-Lei nº 3.987, 1920). Assim o governo federal encontrou meios para fazer caixa e enfrentar às graves questões de saúde pública daquela difícil fase da vida brasileira.

No jogo e nas estâncias estava a solução para um mal endêmico e incurável: a própria saúde pública. Além da verba proveniente dos cassinos, o custeio se dava também pelo imposto auferido nas vendas de bebidas alcoólicas; as rendas dos laboratórios (exceção ao Instituto Oswaldo Cruz) e os saldos verificados nas diversas verbas do Departamento Nacional de Saúde Pública, subordinado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

Os reflexos da medida foram imediatos, como a construção do Copacabana Palace, o ponto de encontro mais comentado da alta sociedade da capital, onde seriam recebidas ao longo de sua história, inúmeras celebridades. Albert Einstein, por exemplo, ali explicou em 21 de março de 1925 – falando em idioma alemão –, a Teoria da Relatividade. (www.ronaldmourao.com, acessado em 10/05/2005).

Eis o início da era dos cassinos no Brasil.

A sugestão partiu do então presidente da República Epitácio Pessoa, acanhado com a falta de instalações adequadas para receber o Rei Alberto I, da Bélgica, quando de sua visita oficial ao Brasil em setembro de 1920. A concepção de um hotel de luxo à beira-mar sensibilizou o empresário Octávio

Guinle. A exigência em anexar um cassino ao empreendimento, foi aceita pelo presidente. Em seguida, o empreendedor escolheu uma área distante da população pobre da cidade, que possuía na beira-mar um dos seus passeios favoritos. Vencida a crítica da época que desconfiava do êxito de um hotel-cassino construído “tão longe do centro do Rio de Janeiro” segundo os jornais da época. O Copa (apelido carinhoso) surgiu majestoso nas areias cariocas visando as comemorações do Centenário de Independência. A inauguração só viria dia 13 de agosto de 1923, onze meses depois do planejado, uma vez que não foram poucos os desafios enfrentados por Guinle. Uma violenta ressaca destruiu toda a avenida Atlântica meses antes da obra concluída, resultando em consideráveis estragos nos pavimentos inferiores do prédio.

A visão estratégica de Guinle mostrou-se correta. “*O Copa viria a mudar o padrão de comportamento da classe dominante*” (BOECHAT, 1999). Neste ponto seu sonho assemelhou-se ao de Benjamim “Bugsy” Siegel que se embrenhou em pleno deserto de Nevada no afã de construir um luxuoso hotel-cassino, o Flamingo, na Las Vegas de 1946.

Paralelamente, a aviação comercial brasileira se tornou atividade importante para o desenvolvimento do turismo de saúde no início do século passado. O primeiro e importante passo foi a criação da S. A. Empresa de Viação Aérea Rio-Grandense – VARIG, numa pequena sala da Associação Comercial de Porto Alegre, em 7 de maio de 1927.

As viagens se intensificaram no Brasil e nos dez anos seguintes o número de companhias aéreas aumentou de quatro para nove.

A Era Vargas deu marcas a uma nova estrutura social. Alterou a urbanização e enfatizou o debate político sobre a saúde pública. Mas o Brasil – à época com menos de 50 milhões de habitantes – estava ainda longe de tornar-se industrializado e competitivo no exterior. Em busca da saúde plena, a burguesia se voltou para a atividade turística e de lazer com reflexos imediatos para o incremento das viagens e dos destinos.

2. Desenvolvimento

2.1. Termalismo, as estâncias turísticas e o jogo

Segundo Da Silva & Barreira (1994), termalismo designa de maneira genérica o “*emprego de água mineral (crenoterapia); do clima (climatoterapia); do mar (talassoterapia); das areias e emanações radiotivas (radioclimatoterapia) e do microclima de determinadas grutas, cavernas e galerias subterrâneas (espeleoterapia) com finalidades curativas.*”

Para Mourão,

o Turismo de Saúde se propõe a ser modalidade crenoterápica, na qualidade de inovação. Surgida recentemente é destinada aos esgotados, estressados e acometidos de certas doenças crônicas de tratamento ambulatorial, que estão impedidos de permanecer por tempo mais prolongado nas estâncias, em virtude de seus afazeres profissionais, questões econômicas e outras ocorrências particulares. (MOURÃO apud: DA SILVA & BARREIRA, 1994)

De acordo com o decreto nº 20, de 13 de julho de 1972, diferenciam-se as estâncias brasileiras em balneárias, climáticas e hidrominerais. O legislador caracteriza as balneárias como as possuidoras de praia voltadas para o mar, com exceção das orlas marítimas compostas somente por rochas. Definiu, ainda, estâncias climáticas como as que apresentam um posto meteorológico instalado e em funcionamento ininterrupto durante pelo menos três anos, consideradas as temperaturas médias máximas e mínimas, umidade relativa média anual e número anual de horas de insolação. Para ser considerada estância hidromineral, o decreto determinou a necessidade de se ter fonte de água mineral, natural ou captada por meios artificiais e possuir, também, um balneário de uso público para tratamento crenoterápico, segundo a natureza das águas (Decreto-Lei nº 20, 1972 em: AULICINO, 2001). Já as estâncias turísticas no Brasil, reguladas pelo decreto nº 11.022, de 28 de dezembro de 1977, estabelecem a existência – como requisito mínimo – de atrativos de lazer e outros de natureza histórica, artística ou religiosa, ou de recursos naturais e paisagísticos. (Decreto-Lei nº 11.022, 1977 em: AULICINO, 2001)

Entende-se como estância, portanto, o lugar ou estação que recebe visitantes por algum tempo, seja pela busca da melhoria da saúde, descanso ou conhecimento.

No século XIX, em vários países, novas estâncias se tornaram famosas e, ainda, em muitas delas, o jogo, de atividade complementar passou à principal, além do que financiava o custo das mega instalações e do crescente número dos profissionais altamente qualificados que eram contratados (PAIXÃO em: TRIGO *et al*, 2005).

Muitos destes complexos no mundo inspiraram os profissionais ligados ao desenvolvimento da atividade de banho e de jogo e suas luxuosas construções por todo o Brasil. “*De fato, a fase maior glamour do turismo [brasileiro] aliou termalismo, cassinismo e paisagismo*” (REJOWSKI, 2002).

2.2. Os balneários e o jogo no Brasil

Na América do Sul, onde o jogo foi sempre marcado por antecedentes históricos relacionados às festas populares, à loteria e às corridas de cavalos, os povos nativos já praticavam alguns jogos de azar antes da chegada dos colonizadores. No Rio de Janeiro, havia a conhecida casa de jogos denominada “*Beira-Mar Cassino, no antigo Passeio Público, que o Vice-Rei Luiz de Vasconcelos incumbiu a Mestre Valentim de construir à beira do cais, em 1.789*” (www.magocom.com.br, acessado em 18/10/2004).

Com a chegada dos europeus, despontaram novas hospedarias; restaurantes mais apresentáveis; rotas de trem; e, mudança nos usos e costumes com ênfase à manutenção e recuperação da saúde. Pobres e ricos temiam a proliferação de doenças ao se banhar em águas termais ou salgadas do mar. Para satisfação, nos locais de veraneio, encontravam as mesas de jogo. As primeiras regiões que receberam estes visitantes, na segunda metade do século XIX foram: Petrópolis, no Rio de Janeiro; Caxambu e Poços de Caldas, em Minas Gerais; Campos do Jordão, em São Paulo; e, Santo Amaro e Caldas da Imperatriz, em Santa Catarina. No final do século XIX, o Brasil não estava nem perto de possuir hotéis e estâncias como as encontradas na

Europa, muito menos contratar profissionais da experiência de César Ritz, verdadeira lenda pelos seus consagrados métodos de gestão hoteleira e que inaugurou seu legendário hotel na capital francesa, no ano de 1898.

Mas no início do século XX, o panorama começa a mudar. A chegada dos primeiros turistas internacionais se dá com a excursão da empresa *Thomas Cook and Son*, que em 1907 trouxe o primeiro grupo organizado ao Rio de Janeiro a bordo do navio a vapor Byron. O pai do turismo já havia falecido (1892) e cerca de 500 agências de viagem funcionavam pelo mundo quando o Brasil passou a receber turistas, no sentido pleno da palavra, e não apenas os comerciantes, imigrantes e viajantes de outras naturezas.

Nesse mesmo ano de 1907, “a cidade passou a oferecer incentivos fiscais para construções de novos hotéis” (GAZETA MERCANTIL, 1999).

E, segundo Rejowski (2002), *“assim, consolidou-se a tendência do século anterior: no litoral, os banhos de mar, mas de forma mais elaborada e com disponibilidade de mais alguns serviços; no interior, as estâncias hidrominerais, termais e climáticas (a partir de 1.910)”*.

Apesar de contra-tempos históricos as décadas de 1920 e 1930 foram boas para a atividade turística nacional, quando os melhores exemplos do turismo de cura, e que estiveram muito na moda entre os viajantes, eram Campos do Jordão, em São Paulo e Caldas Novas, em Goiás. Neste último destino, foram construídas casas de banho ainda nos anos 1920. (BARBOSA, 2002)

Uma elite milionária fortalecida pelo Estado Novo ocupava as mesas de jogo (destacava-se a imponente presença de Carmem Miranda nos shows do Cassino da Urca). Com produção milionária, as festas promovidas pelo Estado e pela elite, em geral eram custeadas pelo empresário Joaquim Rolla, proprietário dos mais importantes cassinos do país, como os da Urca, Icaraí, Pampulha e Araxá.

Este era o tempo dos cassinos, dos shows e das vedetes. O combustível estava racionado – inclusive para ambulâncias – em função do início da II Guerra Mundial em 1º de setembro de 1939. Mesmo com as despesas públicas

rigorosamente contidas e o custo de vida subindo a todo vapor, em construção estava o luxuosíssimo Cassino de Quitandinha, entre vários outros pelo país.

2.3. Os hotéis-cassinos brasileiros

O jogo organizado, que tanto prazer e dinheiro proporcionava às elites, precisava prosseguir e ampliar-se. E se o Rio de Janeiro já possuía os cassinos do Copacabana Palace (considerado o primeiro do país), do Atlântico (no Posto 6, em Copacabana) e da Urca; Niterói tinha o Icaraí; Terezópolis, o Higino Palace; Santos, o Parque Balneário, Ilha Porchat e o Atlântico; Guarujá, o Cassino do Barreiro; Poços de Caldas, o Quississana e o Politeama; Araxá, o Grande Hotel; Belo Horizonte, o Pampulha; Curitiba, o Ahú; Salvador, o Central; e, Recife, o Grande Hotel; Petrópolis não podia ficar para trás, pois lá personalidades importantes possuíam residências. As obras do Quitandinha demoraram três anos: no dia 12 de fevereiro de 1944, a casa foi parcialmente inaugurada.

No ato da proibição do jogo, existiam no Brasil 71 cassinos, que empregavam 60.000 trabalhadores direta e indiretamente. Estas casas de jogos ofereciam, além de ambiente de descontração – restaurante, salão de baile, bar e música; a jogatina, sendo esta expressa por meio de jogos de cartas, roleta e baccará, dentre outras formas, sendo um ambiente no qual algumas pessoas acabavam por conhecer a riqueza ou a pobreza (PAIXÃO, 1999).

Enquanto a elite discursava sobre a necessidade de investir neste tipo de ambiente seletivo e voltado para a sociabilidade e diversão sadia, as classes populares viam seus clubes de jogo serem acusados de locais perigosos à sociedade e à margem dos bons costumes. As famílias tradicionais exigiam luxo, segurança, higiene e boas atrações nos clubes, hotéis e cassinos que garantiam o lazer após o trabalho. Diferente das classes trabalhadoras que ao presenciarem seus patrões nas casas de jogos, eram levados a imaginar que tais lugares os distanciavam de ganho financeiro justo e digno. O bom cidadão

deveria prezar o trabalho e a família, estereótipo definido por Getúlio Vargas, para o trabalhador que realmente amasse a nação e o trabalho.

Historicamente, a manutenção e recuperação da saúde, associada ao divertimento e entretenimento por meio do jogo, sempre foi estratégia de hotéis-cassinos e *resorts* em diversos países, enquanto no Brasil durou apenas um quarto de século.

A regularização para uma estância hidromineral que abrigava cassinos sempre coube aos governos nacionais ou locais. Os altos impostos eram aplicados a todos os estabelecimentos, fossem eles da iniciativa privada, do poder público ou mesmo mistos. Também, firmavam com o governo contratos em geral por dez anos (renováveis) para a exploração hidromineral. O complexo deveria abrigar hotel, restaurante, bar, piscina, salões, salas para conferências e festas beneficentes. As mulheres podiam jogar nos cassinos, mas calcula-se que não representavam mais que 25% dos freqüentadores e deveriam estar sempre acompanhadas de seus maridos, mesmo nos shows e espetáculos (ERNST, 2003).

Ainda hoje é possível se ter uma idéia da sociabilidade existente entre homens e mulheres nos cassinos. As salas eram distintas para os jogos (roleta, bacará ou *'chemin de fer'* e campista) enquanto o *grill-room* – um salão de grande porte – congregava os espectadores em finos jantares e bailes orquestrados.

2.3.1. O circuito das águas de Minas

Em Minas Gerais, os cassinos de Lambari; o Grande Hotel do Barreiro de Araxá; o Hotel Brasil de São Lourenço; e os de Poços de Caldas eram os mais requisitados. São Lourenço seguiu o exemplo de muitas estações termais da Europa e chegou a possuir oito empreendimentos que exploravam o jogo, o que fez surgir quarenta hotéis ao entorno dos cassinos atraindo visitantes da classe média alta de São Paulo e Rio de Janeiro, além de turistas argentinos, paraguaios e uruguaios.

Uma linha aérea diária regular unindo Belo Horizonte e São Paulo ao Rio de Janeiro emprestava charme e comunicação eficaz aos empreendimentos. As bebidas eram muito baratas, e a entrada proibida para menores de 21 anos, a exemplo do marketing que se faz atualmente na maioria dos cassinos do mundo. O luxuoso cassino do Hotel Brasil, promovia bailes inesquecíveis e shows arrebatadores. Nos anos de 1920 e 1930, Poços de Caldas se consolidava como balneário preferido por grande número de pessoas que acorriam em busca de cura para suas doenças e, assim, tornou-se símbolo nacional, graças à ampla cobertura da mídia. Situada na divisa entre os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, atraía as oligarquias do “café-com-leite” e a vasta máquina pública do Rio de Janeiro ávida pelo jogo.

De “estação de cura” passou a ser um exemplo da agitação mundana, pois segundo Rejowski (2002), em Poços de Caldas, *“a elite mineira e a paulistana freqüentavam o Cassino Politeama, e distraíam-se com as inúmeras atividades oferecidas para passar o dia, como os banhos, os passeios, as atividades físicas, os flertes, os concertos, as danças, as beberagens e o jogo”*.

O Palace Cassino, de Poços de Caldas, construído com o intuito de se tornar a mais completa e moderna estância hidromineral das Américas, possuía linhas neocoloniais, e sua rentabilidade foi tamanha que motivou a construção de dois outros hotéis na região, o Palace Hotel e Thermas Antônio Carlos, em 1930.

2.3.2. Das Águas de São Pedro ao Cassino Ahú

Com a descoberta de fontes minerais com propriedades terapêuticas, a família Moura Andrade iniciou um ambicioso projeto turístico. Aproveitando o ‘boom’ das estâncias, criou uma nova cidade. Ruas, alamedas, construções e muito verde, além de um luxuoso hotel-cassino em *art déco*, inspirado nos hotéis de Spa, na Bélgica, deu lugar a Águas de São Pedro. A criativa idéia nasceu em 21 de setembro de 1935, com a empresa “Águas Sulphídricas de São Pedro e Thermas de São Pedro S/A”.

Segundo Da Silva (2001), *“destaca-se o fato de que Águas de São Pedro era a única estância termal do país a possuir um planejamento da atividade turística e de suas necessidades urbanísticas anterior à sua construção. Antes dela, somente o Guarujá, estância balneária que havia sido planejada, em 1892”*.

Sua construção foi complicada mas logo a atividade complementar dos jogos de azar se tornou a principal, muito acima do termalismo.

No estado vizinho, por volta de 1930, um parque da capital paranaense, denominado Ahú, passou a ser muito visitado aos domingos. Havia a crença popular de que suas águas eram terapêuticas, determinante para a escolha do local onde seria construído em 1935 o Cassino do Ahú.

A abertura deste local de jogos e bailes pode ser considerada uma ruptura local, contando-se do pré ao pós Cassino, pois para atrair freqüentadores, os dirigentes efetuaram melhorias visíveis nas ruas, onde praticamente só transitavam carroças; a poeira deu lugar ao calçamento; o local ganhou iluminação; e aos moradores da região, que eram em maioria pessoas simples e trabalhadoras, juntaram-se os festeiros e ricos. (ERNST, 2003)

No Ahú (palavra indígena, quer dizer fonte), o jogo mais popular era a roleta e quando o cassino ampliou sua estrutura, passou a incentivar a natação, reforçando a imagem da água relacionada à saúde, mas as mulheres deviam obrigatoriamente agendar horários para os banhos.

A proibição do funcionamento dos cassinos, pelo Decreto-Lei nº 9.215 assinado por Dutra na terça-feira de 30 de abril de 1946, foi duro golpe não só para Águas de São Pedro e o Ahú, como de resto para todas os cassinos e as termas em funcionamento no interior do país.

A seguir, os filmes hollywoodianos passaram a impor a moda do lazer nas praias com a imagem principal do Hawaii. Na década de 1940, já era mais comum ver as pessoas se banhando no mar e se bronzeando. Era o desenvolvimento do turismo de massa aliado ao segmento de sol e praia.

Uma pergunta evidente é por que a indústria cinematográfica norte-americana (e grande parte dos produtos culturais) possui tanta hegemonia ao redor do mundo. Entendo que são três grandes motivos: poder econômico, capacidade tecnológica de ponta e utilização extremamente competente de marketing. (TRIGO *et al*, 2005).

3. Conclusão: e o debate continua...

Surpreendentemente, quatro meses depois de assumir a presidência, Eurico Gaspar Dutra convocou todo o ministério e restabeleceu a vigência do artigo 50 da lei de contravenções penais fechando todos os cassinos do país. Até mesmo os que estavam amparados pela Lei das Estâncias de Águas foram proibidos de funcionar. O Cassino de Lambari, em Minas funcionou apenas um dia. Outros não menos famosos como o Quitandinha e o Grande Hotel Araxá haviam investido grandes somas em suas implantações. Os 95 empregados do Cassino Ahú suscitaram na maior reclamatória trabalhista jamais tramitada na Justiça do Trabalho do Paraná, até então (SCHWAB, 1993).

Apesar dos jogos de azar serem interpretados e pensados, por vários séculos, como uma luz desfavorável à ética e à moral, normalmente alimentados por segmentos da Igreja, a maioria dos países ainda o utiliza como forma de arrecadação. Filósofos influenciaram as leis dos Estados com suas teorias, como, por exemplo, o francês Jean Jacques Rousseau: *“a base das leis é a vontade das pessoas expressadas por elas mesmas”*. Nos últimos dois séculos, as leis se aperfeiçoaram e o moderno consumidor parece não querer restrições, exceto quando elas são feitas para a sua própria proteção (PAIXÃO & GÂNDARA, 1999).

Na medida em que é preciso planejar o futuro das políticas que atingem o jogo e a atividade turística no país, torna-se imperativo estudar as décadas de 1930 e 1940. Fazer emergir – sair de onde estava mergulhado – estes importantes fatos que marcaram a história do Brasil e que hoje servem como balizamento para os estudiosos que pensam nas reais possibilidades de recuperação de balneários e estâncias.

Os locais das fontes de águas deram lugar a centros de diversão e lazer e deixaram na memória brasileira um amálgama de nostalgia, orgulho, saudade e esperança.

Enquanto prossegue o debate, a população brasileira continua na condição de grande apostadora, seja nas loterias oficiais; nas casas de jogos ilegais; nos cruzeiros marítimos que aqui aportam; ou ainda, nos vários cassinos de fronteira que contribuem para a fuga de divisas do país.

4. Referências Bibliográficas

BARBOSA, Y. M. **História das Viagens e do Turismo**. São Paulo: Ed. Aleph, 2002.

BOECHAT, Ricardo. **Copacabana Palace: um hotel e sua história**. São Paulo: Editora DBA, 1999.

DA SILVA, A. L. G. & BARREIRA C. A. **Turismo de Saúde**. São Paulo: Ed. SENAC, 1994.

DA SILVA, J. C. I. **Grande Hotel São Pedro: o patrimônio cultural como fator de atração do turista**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: CUIA, 2001.

Decreto-Lei nº 20, de 13 de julho de 1972. Em: AULICINO, M. P. **Turismo e Estâncias: impactos e benefícios para os municípios**. São Paulo: Ed. Futura, 2001.

Decreto-Lei nº 3.987 de 2 de janeiro de 1920. Rio de Janeiro: Congresso Nacional, 1920.

Decreto-Lei nº 9.215 de 30 de abril de 1946 (cópia original). Em: SCHWAB, A. **A Música no Cassino Ahú**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993.

Decreto-Lei nº 11.022 de 28 de dezembro de 1977. Em: AULICINO, M. P. **Turismo e Estâncias:** impactos e benefícios para os municípios. São Paulo: Ed. Futura, 2001.

ERNST, K. G. **Memórias do Cassino Ahú:** sociabilidade e relações de gênero (Curitiba 1940-1946). Monografia de conclusão de curso. Curitiba: UTP, 2003.

GAZETA MERCANTIL. **Análise Setorial:** A Indústria Hoteleira - vol. 1. São Paulo: Gazeta Mercantil, 1999.

PAIXÃO, D. L. D. 1930-1945, A Belle-Époque do Turismo Brasileiro: os hotéis-cassinos na Era Getulista. Em: TRIGO *et al.* **Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro.** São Paulo: Ed. Roca, 2005.

_____. **La reimplantación de los casinos en Brasil y sus efectos en la actividad turística.** Dissertação de Mestrado. Las Palmas de Gran Canaria: ULPGC, 1999.

PAIXÃO, D. L. D & GÂNDARA, J. M. G. **A Legalização dos Cassinos no Brasil:** uma análise comparativa das situações governamentais em outros países. Turismo - visão e ação v.1, n.2. Balneário Camboriú: Ed. da Univali, 1999.

REJOWSKI, M. (Org.) **Turismo no percurso do tempo.** São Paulo: Ed. Aleph, 2002.

Sites consultados:

www.magocom.com.br. (Boletim de Novidades Lotéricas) Artigo “Façam o jogo, senhores...Oswaldo Miranda ainda sonha com a reabertura dos cassinos.” Acessado em 18-10-2004.

www.ronaldomurão.com.br. Acessado em 10-05-2005.